

sub
texto

Ano XIV Set 17
Número 13

Revista de Teatro do Galpão Cine Horto

PLATEIA - REDE DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA



*Bárbara Bof, Dora Sá,
Gláucia Vandeveld,
Mariana Maioline,
Michelle Barreto e
Reginaldo Santos¹*
(BELO HORIZONTE/MG)

1 - Bárbara Bof é sócia-fundadora da Associação No Ato, onde atua na coordenação geral dos projetos e é idealizadora e coordenadora do FETO – Festival Estudantil de Teatro. Integrou a comissão de seleção e júri de diferentes festivais estudantis do País. É pesquisadora em Gestão Cultural e em atividades ligadas à formação e cultura.

Dora Sá é atriz e formou-se pela UniRio em 2002. Em 2007 mudou-se para Belo Horizonte, onde se especializou em Mediação pela Escola Guignard da UEMG. Foi curadora e produtora responsável pela realização do projeto Palco Giratório (SESC) em Minas Gerais. Atualmente, faz parte do Arande Coletivo de Atores e desenvolve sua pesquisa sobre Mediação e Curadoria em projetos, como a Rede Plateia de Formação Artística.



Gláucia Vandeveld é atriz, formada pela Escola de Arte Dramática da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo – EAD. ECA. USP, com especialização em Arte – Educação pela Fundação Clóvis Salgado/ CEFAR – Palácio das Artes. É professora integrante do Núcleo Pedagógico do Galpão Cine Horto e coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Teatro para Educadores.

Mariana Maioline é atriz, diretora, professora de teatro e produtora cultural e graduada em Artes Cênicas pela UFMG. É atriz convidada do Grupo Espanca!. Ministra aulas no Instituto de Longevidade Motivato e no Complexo Penitenciário Estevão Pinto.

Michelle Barreto é atriz, diretora e produtora cultural, formada pelo Curso Técnico de Teatro do CEFAR/ Fundação Clóvis Salgado e graduada em Licenciatura em Teatro pela UFMG. É produtora da Associação No Ato, realizando entre outros projetos o FETO - Festival Estudantil de Teatro. Trabalha também como produtora na Imago Filmes.

Reginaldo Santos é Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG. Graduado em Licenciatura em Teatro pela Escola de Belas Artes da UFMG. Coordenador do Projeto Conexão Galpão e do Programa de Ações Formativas em Teatro do Galpão Cine Horto. Integrante do Grupo Serelepe EBA/UFMG. É professor, ator, músico e diretor teatral.

ENCONTRO

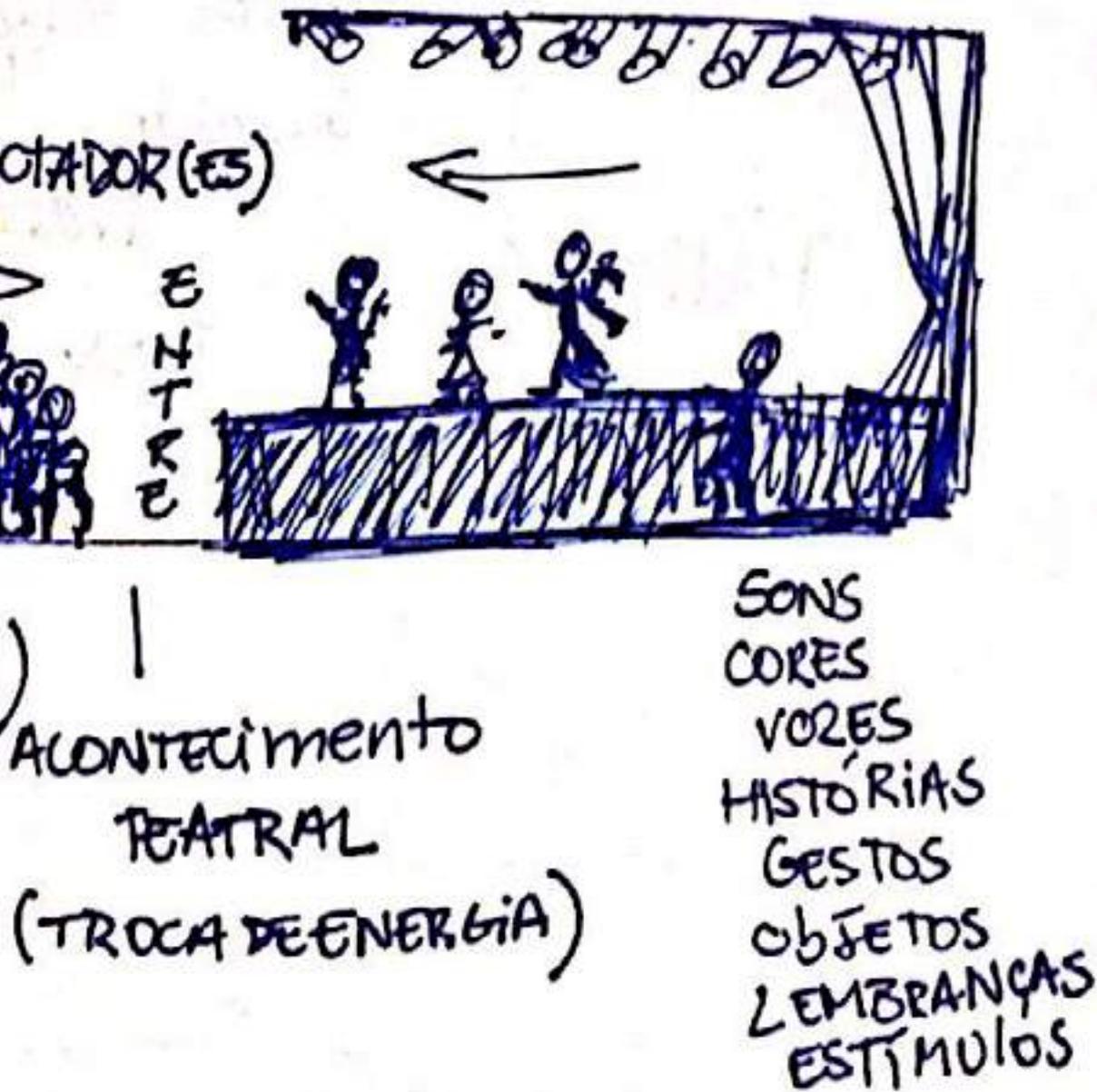
PÚBLICO(S) + OBRAS(S) = ESP



CADA
UM COM
SUAS
HISTÓRIAS
VIDAS e
CONVICÇÕES.



ATIVO
(IMAGINAÇÃO A MIL
CRIATIVO
DISPONÍVEL
~~PERSONALIZADO~~
INDIVIDUAL
CADA UM É UM.



UMA PAIXÃO COMEÇA COM O PRIMEIRO ENCONTRO

O contexto

Compreender o que leva uma pessoa a se sentar na plateia de uma atividade cultural tem sido um desejo que move artistas, instituições e pesquisadores. As discussões sobre o assunto se ampliam e, nas últimas décadas, órgãos como SESC, VOX Populi e outros pesquisadores nacionais mostram que o consumo cultural dos brasileiros continua associado às atividades de lazer, como praticar esportes, ou um passeio no *shopping*, e ao hábito de assistir televisão.

No caso do teatro, linguagem artística destacada aqui, 61% dos entrevistados nunca assistiram a uma apresentação teatral (SESC, 2014), e uma parte significativa afirma não ter ido por falta de costume, interesse ou gosto. A relação das pessoas com práticas culturais, como a ida ao teatro, é geralmente estimulada no processo de formação educacional e no meio familiar. Não se deseja algo que não se conhece, não é possível gostar de algo que não dialoga com seus registros simbólicos.

Com o desejo de contribuir para mudanças na dinâmica artística e cultural brasileira, a Associação No Ato Cultura, Educação e Meio Ambiente, idealizadora e gestora do FETO – Festival Estudantil de Teatro, promoveu a realização de um grupo de trabalho, durante a edição do Festival em 2014, que reuniu profissionais, entre professores, pesquisadores, artistas e **gestores**². Esse grupo lançou um olhar provocador sobre o cenário artístico, pedagógico e político no País, discutindo caminhos e propondo ações que poderiam estreitar as relações entre artes cênicas e educação, pensando na formação de **públicos**³.

2 - Alexandre de Sena, Amanda Dias Leite, Bárbara Bof, Cida Falabella, Cristiano Peixoto, Dora Sá, Eduardo Kawamura, Fernanda Vidigal, Gláucia Vandeveld, Leonardo Lessa, Narciso Telles, Paulo Celestino, Reginaldo Santos, Rita Gusmão, Rodrigo Soares e Walter Lima Torres.

3 - Utilizamos a palavra sempre no plural, pois entendemos que os diversos públicos são pessoas reais, que têm determinados perfis sociais, têm suas trajetórias de vidas/experiências, seus hábitos e valores” (OLIVEIRA, 2014), e não poderiam, dessa maneira, nesse processo de interlocução, ser tratados como um único conjunto genérico de pessoas.

Os encontros do grupo culminaram na criação da PLATEIA – Rede de Formação Artística, que busca transformar a relação dos diversos públicos com manifestações artísticas, alimentar a **formação de espectadores**⁴ e aprofundar as relações entre educação e cultura.

Para tanto, a opção foi a ferramenta da mediação, com a intenção de multiplicar significados e diminuir a distância entre as pessoas e as obras. O trabalho realizado pelos mediadores tem o propósito de ambientar e aproximar os públicos, de forma lúdica e sensível, do universo da obra, concretizando as pontes entre eles e os artistas. Dessa maneira, cada ação da PLATEIA se configura de acordo com a proposta artística da obra em questão e a partir das estratégias escolhidas pelo mediador, juntamente com os artistas envolvidos.

UM OLHAR SOBRE AS PRIMEIRAS MEDIAÇÕES

Relatos

A primeira ação da PLATEIA aconteceu dentro da programação do projeto Diálogos Cênicos, ao final do ano de 2014. Ela foi realizada no espetáculo *O Gol não Valeu*, da Cia ZAP 18, no qual, no primeiro momento, as pessoas, ao entrarem no *foyer* do teatro, encontravam à sua disposição duas mesas de totó. Nossa ideia era propor uma inserção no tema e na atmosfera da peça.

Em seguida, após a apresentação, as pessoas foram convidadas a participar de uma conversa com os artistas e o mediador. Esse primeiro experimento revelou a potencialidade da proposta que, enfim, saía do papel.

4 - Para Gasperi (2017), “a construção cênica contemporânea se dá em uma rede colaborativa, em que as experimentações teatrais se caracterizam através de um diálogo constante entre a encenação e o público presente objetivando concretizar a participação do espectador como um colaborador do processo de criação espetacular, pois ele percebe a encenação além do viés textual, mas pelo lugar sinestésico e pode reagir diretamente na encenação, transformando a estrutura estática da obra, na busca de uma tessitura de vozes dialógicas entre ação e reação direta, na comunhão dos elementos teatrais”

Quando cheguei ao Teatro nesse dia, fui surpreendido com a imagem de alguns funcionários do CCBB que se divertiam nas mesas de totó, riam alto e se revezavam nas mesas. Um tempo depois encontrei a coordenadora do Centro Cultural que me pediu desculpas pelo ocorrido. Logo eu disse que não via problema algum e ficamos por isso mesmo. Mas na entrada do público pude perceber que eles (os funcionários) foram muito atenciosos, estavam sorridentes e receptivos às pessoas. De alguma maneira esse acontecimento modificou o ambiente, creio que eles foram atravessados por essa ação. Quando as pessoas chegaram para ver o espetáculo, principalmente as crianças de uma escola pública, as mesas já estavam livres e puderam também se divertir. Após o espetáculo, perguntei às crianças e a toda a plateia o que diferenciava, na visão deles, o espetáculo de futebol e o espetáculo teatral ou se não tinha diferença. Percebi que nas respostas, tanto as crianças como os adultos, refletiam sobre as memórias pessoais relacionadas ao futebol, dos avós ou dos pais (no caso das crianças) e transformavam essas memórias em perguntas e reflexões, criando afinidades com o espetáculo. Falavam do futebol jogado na rua, por exemplo, na relação específica da “trave do gol” que estabelece a relação espacial do jogo, como no espetáculo onde a trave também mudava de lugar, trazendo esse imaginário das crianças. E a mesa de totó? Influenciou em algo? Acredito que sim, criando um elo entre o espaço teatral e a plateia, aproximando-os. Não só a eles, mas também aqueles funcionários que se transformaram de alguma maneira (pelo menos naquele momento) a partir dessa ação.

Reginaldo Santos, mediador.

Desde então, a Rede PLATEIA realizou 28 ações envolvendo 10 mediadores em diversas apresentações culturais (de teatro, dança e música), participando de festivais de Belo Horizonte, como o VAC - Verão Arte Contemporânea, FETO - Festival Estudantil de Teatro, Mostra Boa Nova, entre outras apresentações individuais para as quais o projeto foi convidado. Entendendo que as ações são pensadas a partir do diálogo com os artistas e as obras e buscando apropriar-se das particularidades de cada trabalho, seguem abaixo **relatos dos mediadores e artistas que vivenciaram**⁵ algumas ações.

5 - Aqui diferenciamos os conceitos de vivência e experiência. A vivência, segundo Bünchen e Ormezzano (2012),⁶ é viver a experiência, é vivenciar o que se passa, é imergir naquilo que se experimenta; por sua vez, experiências podem ser fatos isolados que ocorrem em nossa vida. Vivências são fatos vividos, o próprio fato de existir. A vivência compreende todo campo de experiências do indivíduo; é como se uma palavra completasse a outra.⁷

15 de maio de 2015 – *Noturno* - do Grupo Teatro Invertido



Na entrada do público entregamos microgarrafinhas com algumas gotas de água e pedimos a quem as recebeu que cuidasse bem delas. Ao final do espetáculo iniciamos um bate-papo com a seguinte pergunta: “O teatro pode matar a sua sede?”. A partir dos comentários e reflexões ouvidas durante a conversa após a peça, percebemos que essa ação no início do espetáculo tornou os espectadores mais receptivos e abertos a uma conversa sobre sensações, perspectivas, olhares e questões que os intrigavam.

Gláucia Vandeveld e Reginaldo Santos, mediadores.

16 de maio de 2015 – Tácht - do Grupo Armatrix

Convidamos a banda de Folk Music e Blues dos anos 1920, The Lee Gang, para recepcionar as pessoas no foyer do teatro buscando proporcionar uma atmosfera que dialogasse com o espetáculo. Ao final da peça e iniciando um bate-papo com a plateia, lançamos a pergunta: “Sua memória o trai?”. Foi possível perceber, então, que grande parte das pessoas foi atravessada por esses **acontecimentos**⁶, trazendo memórias e um olhar reflexivo sobre o espetáculo e seus bastidores.

Gláucia Vandeveld e Reginaldo Santos, mediadores.

6 - O acontecimento é fruto da ação humana e, para ser compreendido, para tornar-se *experiência*, precisa ser vivenciado de forma corpórea, relacional. “Compreendemos a partir de nossos corpos, através das relações que estabelecemos com os outros e através das maneiras pelas quais nos colocamos em contato com os objetos do mundo”* (BÁRCENA *et al.*, 2006, p. 234, tradução nossa). Tanto o jogo quanto a ida ao teatro estabelecem essas relações corporais, subjetivas e com o outro, e nos colocam em contato com a novidade, com um mundo a ser descoberto.

[*] Texto original: “Compreendemos a partir de nuestros cuerpos, através de las relaciones que establecemos con los demás y de las formas através de las cuales nos ponemos em contacto con los objetos del mundo”.

4 de fevereiro de 2017 - Colóquio Sentimental do Laboratório de Estudos do Corpo da Escola de Belas Artes - UFMG

Nessa ação, parti de três detonadores que foram importantes para que fosse possível criar uma atmosfera acolhedora para o público:

- 1.** Organizar as pessoas na sala em formato de roda, de forma que todos consigam se ver;
- 2.** Uma breve apresentação do Projeto PLATEIA e, em seguida, da Medidora;
- 3.** Solicitar que respondam as perguntas só mentalmente.

Em seguida propus as perguntas:

- A.** Por que você escolheu vir ao teatro hoje?
- B.** Que parte do espetáculo lhe causou uma sensação? Você consegue determinar ou colocar em palavras o que e/ou por que você sentiu isso?
- C.** Que parte do espetáculo lhe causou identificação? Você consegue determinar ou colocar em palavras o que e/ou por que você sentiu isso?
- D.** Você mudaria a sua primeira resposta? (Essa pergunta pode ser repetida ao final do encontro.)

E me marcou o relato de um senhor, com seus 55, 60 anos, que se declarou por fora do universo cênico, mas que queria mudar a resposta à primeira pergunta gatilho da ação, e que o faria em público: “Eu vim para ver não só uma peça de teatro do amigo de infância do meu filho. Eu vim para ver um grande espetáculo”.

Dora Sá, mediadora.

11 de fevereiro de 2017 - 19:45! - da Cia Miúda

Fui ao ensaio do grupo e juntos pensamos várias possibilidades para a ação que faríamos no dia do espetáculo. Escolhemos uma em que os públicos fariam uma interferência no cenário antes do início da peça, de forma que a presença deles não estaria apenas na plateia, mas também dentro da cena. Depois do espetáculo, a proposta era fazer um bate-papo tendo a ação anterior como ponto de partida.

No dia do espetáculo tivemos um contratempo e não foi possível fazer a ação de interferência no cenário. Era a minha primeira mediação na Rede PLATEIA, me senti perdida e me perguntei:

- Como eu começaria o bate-papo sem ter feito a ação anterior?

- Como eu poderia fazer com que as pessoas tivessem o desejo e se sentissem de fato à vontade para uma conversa?

Foi então que me lembrei da minha própria **experiência**⁷: meus avós, grandes frequentadores de teatro e cinema, sempre que terminamos de assistir a algo, eles dizem: “Vamos sair pra comentar?”. Geralmente saímos para beber e falar das nossas impressões, sensações, sentimentos e associações que fizemos com a obra. Como estamos em família, sentimos muita liberdade para conversar sem uma exigência de conhecimento técnico ou teórico sobre arte.

Inspirada nessa experiência, fiz a mediação nesse dia. Conteí às pessoas essa história e fiz a proposta:

- Hoje, em vez de sairmos pra comentar, eu proponho: vamos ficar pra comentar?

Mariana Maioline, mediadora.

7 - Segundo Larrosa (2002), a “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Para o autor o sujeito da experiência é como um território de passagem, permitindo-se ser atravessado, afetado, transformado pelos acontecimentos. O sujeito não pode transmitir uma experiência para outro, ela é única, individual, subjetiva.

19 de fevereiro de 2017 - *A Santa do Capital* - da Cia Cóccix

Nós, da Cóccix Companhia Teatral, ficamos muito satisfeitos com a atividade proposta pelo PLATEIA - Rede de Formação Artística dentro do Festival VAC - Verão Arte Contemporânea, uma vez que os mediadores tiveram diálogo aberto com nossa equipe, participando de um ensaio aberto e estabelecendo uma dinâmica de conversa mediada com os artistas e espectadores ao final do espetáculo.

A participação da mediadora Dora Sá no ensaio aberto foi fundamental, uma vez que o espetáculo ainda estava tomando os seus contornos finais, pois tratava-se de uma estreia. A mediação aconteceu por meio de perguntas, com provocações reflexivas que permitiram ao espectador refletir sobre seu cotidiano, levando em consideração seu estado ao sair de casa para ir ao teatro e a possibilidade de transformação de seu pensamento após o término da peça. Isso além de ter a oportunidade de poder dizer de suas sensações durante o percurso da encenação, fazer perguntas sobre o processo de criação da obra, expor suas vivências, um momento para fruir inspirações poéticas, curiosidades e exercer seu ponto de vista crítico como espectador, uma vez que ele também é parte da obra.

Integrantes da Cia Cóccix Teatral

Ação da Rede Plateia no FETO 2016.

Foto: Daniel Protzner.





Dos nossos primeiros encontros com esses públicos, que se deram de diferentes maneiras e abordagens, reconhecemos a importância e a potência desse projeto. Mesmo com a consciência de que ainda temos um longo caminho a percorrer em relação ao entendimento sobre a mediação - como fazer, o que propor, que relação se estabelece com os artistas e os públicos - a sensação ao final de cada uma das ações, na nossa avaliação, independentemente se funcionou ou não, é que houve uma aproximação entre as obras e os públicos de forma afetiva, podendo criar um vínculo entre a pessoa que assiste e a linguagem teatral, tornando-a frequentadora, crítica e principalmente parceira nessa construção.





Ação da Rede Plateia no FETO 2016.

Foto: Daniel Protzner.

CONHECER E RESPEITAR O OUTRO PARA UMA LONGA RELAÇÃO

Por que “Públicos”?

Na trajetória de desenvolvimento da Rede sentimos a necessidade de compreensão de alguns conceitos. Alguns deles, optamos por defini-los nas notas de rodapé. No entanto, há uma palavra que entendemos ser importante dedicar-lhe um espaço: PÚBLICOS, nosso objeto principal de estudo.

Maria Carolina Vasconcelos Oliveira (2014) traz, em seu artigo *Sobre os públicos e a necessidade de Desmistificar Categorias*, uma nova percepção sobre o conceito de público:

Uma reflexão sobre o tema “diálogos com o público” precisa começar pela constatação de uma necessidade: a de desmistificar a categoria “público”, colocá-la no plural, **entender os públicos como pessoas reais que têm determinados perfis sociais, têm suas trajetórias de vidas/experiências, seus hábitos e valores.** Não se trata de um conjunto genérico e homogêneo de pessoas; não se trata de uma espécie de entidade a quem se deve simplesmente passar uma mensagem, entregar algo. Trata-se sobretudo de um conjunto de interlocutores em processo de comunicação.

Para nós, da PLATEIA, considerar o interlocutor e conhecê-lo é fundamental para o processo de comunicação, no que concerne a criar pontes para que se dê a fruição da obra artística.

Nos públicos almejados pela Rede incluem-se: as escolas e instituições, o público espontâneo, os frequentadores de teatro, os próprios artistas e os demais interessados pelo teatro no sentido de ampliar essa interlocução e não a categorizar.

O Projeto pretende atuar em frentes de ação, sempre procurando destacar paralelos entre a experiência singular dos espectadores e a fruição artística, procurando criar possibilidades que contribuam para desenvolver e aflorar as habilidades sensíveis (percepção, olhar estético, construção de sentidos) e também para aproximar os públicos das obras artísticas.

FELIZES PARA SEMPRE?

Onde estamos, para onde vamos?

Após três anos de existência da Rede PLATEIA, propusemos um número de ações significativas de forma não consecutiva e abrangendo grandes eventos como festivais e mostras, sendo percebido o alcance do projeto na interlocução entre obra, artistas e os públicos espontâneos que já costumam frequentar os teatros da cidade. As ações de mediação podem contribuir para a elaboração do universo simbólico de um ou mais indivíduos ali presentes. Mas um dos nossos desafios está em trazer para a plateia aquela pessoa que nunca pensou que poderia ocupar esse lugar de espectador-criador do próprio espetáculo, usando como gatilho aquela obra que o tocou sensivelmente, que o fez pensar sobre determinado assunto e criando nele o desejo de retornar ao teatro e se tornar fomentador e financiador de espetáculos.

Dessa maneira, inúmeras pontes faltam ser consolidadas, como, por exemplo: a divulgação do trabalho da Rede entre os artistas, no intuito de tornar este projeto contínuo; alcançar as escolas de educação formal e não formal e outras instituições com ações antes, durante e depois dos espetáculos; impulsionar e fortalecer o uso da plataforma virtual, aproximando o projeto dos públicos e dos artistas; financiamento para que as ações possam ser mais ousadas e criativas, propiciando outras opções que não apenas a conversa após o espetáculo; investimento na formação continuada dos mediadores e estrutura para transporte, alimentação, oficinas com alunos de escolas públicas e privadas.

A escola é considerada como um ponto fundamental a ser atingido pela Rede. Afinal, como foi dito, não se gosta de algo que não se conhece. Nosso desejo é que os grupos acompanhados assistam a espetáculos de diferentes gêneros e estilos, o maior número possível deles na companhia de um do(a)s mediadores(as) da PLATEIA. Como já é sabido, muitas crianças não vão ao teatro, seus professores e pais também não, o que faz com que a linguagem fique distante desses públicos. Pensando na Rede PLATEIA como um projeto de formação artística é de fundamental importância essa aproximação com as escolas, propiciando a esses alunos frequentar, conhecer, fazer, contextualizar e ter o teatro como uma vivência recorrente e prazerosa, aproximando-os da linguagem teatral e garantindo a continuidade e a ampliação de público e, por que não dizer, a descoberta de artistas em potencial.

Nessa trajetória de três anos, entendimentos foram conquistados, pessoas foram ao teatro pela primeira vez, experiências foram trocadas, relações novas e afetuosas com o teatro foram estabelecidas.



Ação com público infantil no projeto Diálogos Cênicos 2014. Foto: Daniel Protzner.



Entretanto, sabemos que se trata apenas de um pequeno trecho de um longo caminho. E já percebemos algo fundamental: não há um destino pronto, a olhos vistos, a se alcançar. A metodologia não está fechada. Cada encontro entre públicos e artistas é único, composto das histórias individuais dos presentes, da obra apresentada e do tempo em que está inserida. Parte do nosso trabalho com a Rede PLATEIA é estabelecer processos, revê-los e reinventá-los. Uma mediação é nascente de possibilidades e estamos sempre atentos aos novos rumos que se abrem.

Aumentar de forma significativa o número de pessoas nas casas de espetáculos e ainda proporcionar a ampliação da percepção dos espectadores sobre a obra podem parecer metas muito ambiciosas. Mas envolver-se pessoalmente na conexão entre plateia e artistas, fazendo isto com esmero, é palpável e parte da nossa realidade.

Seguimos contribuindo de forma prática, por meio do teatro, para a formação de pessoas criativas e sensíveis, encontro a encontro, espetáculo a espetáculo. Uma pessoa que sai de um teatro com sua humanidade e seu senso crítico aguçados leva para a rua essas qualidades. E não é disso que precisamos?

REFERÊNCIAS

BÁRCENA-ORBE, Fernando; BONDÍA, Jorge Larrosa. Pensar la educación desde la experiencia. *Revista Portuguesa de Pedagogía*, n.40-1, p. 233-259, 2006. [Caderno Mais, nº 423, p. 18].

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro: ANPED - Autores Associados, n. 19, p.20-28 jan/fev/mar/abr, 2002.

BÜNCHEN, Adriane Leandra; ORMEZZANO, Graciela. Professoras de educação infantil: experiências, vivências e significações musicais. *Revista Espaço Pedagógico*, v. 18, n. 1, 2012.

DE GASPERI, Marcelo Eduardo Rocco. *O ESTREITAMENTO ENTRE O ESPECTADOR E A CENA CONTEMPORÂNEA*. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://portalabrace.org/vcongresso/textos/territorios/Marcelo%20Eduardo%20Rocco%20de%20Gasperi%20%20O%20Estreitamento%20Entre%20o%20Espectador%20e%20a%20Cena%20Contemporanea.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2017.

OLIVEIRA, Maria Carolina Vasconcelos. Sobre os públicos e a necessidade de desmistificar categorias. *Revista Diálogos Cênicos*, 2014.